

Patrimônio Artístico e Cultural matéria prima para a disciplina Arte e Educação no curso de Pedagogia

Artistic Patrimony and Cultural raw material for Art and Education discipline in the Faculty of Education

MYRIAM FERNANDES PESTANA OLIVEIRA*

Artigo completo submetido a 7 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Brasil, Professora e Mosaicista. Mestre em Educação, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Programa de Pós Graduação em Educação.

AFILIAÇÃO: Faculdade São Geraldo (FSG), Curso de Pedagogia e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Núcleo de Educação Aberta à Distância, Curso de Artes Visuais. Rua Treze de Maio, 346, Campo Grande, Cariacica, Espírito Santo, CEP: 29.146-724 Brasil. E-mail: myriam.oliveira@tutor.ufes.br

Resumo: Neste artigo relato uma ação ocorrida, na disciplina de Arte e Educação, no curso de pedagogia. Por entender a Arte como Patrimônio Cultural da Humanidade e por considerar que deve ser tratada na educação escolar e não escolar como tal, aproveito a disciplina para proporcionar aos futuros pedagogos/professores uma vivência detalhada com a produção da panela de barro, primeiro bem cultural registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, como patrimônio Imaterial, no livro de registro de saberes em 2002.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico / Formação / Auto Formação / Ensino de Arte.

Abstract: *This paper reports an action that happened, the discipline of Art and Education, in the course of pedagogy. By understanding Art as Cultural Heritage and considers that it should be treated in school and non-school education as such, I take the discipline to provide future educators / teachers a comprehensive experience with the production of clay pot. First cultural Brazilian object recorded by the Historical and Artistic Institute — IPHAN as intangible assets in the knowledge record book in 2002.*

Keywords: *Heritage / Training / Auto Education / Art Education.*

Introdução

O profissional que busca a formação docente conta com licenciaturas, graduações e cursos de formação continuada, que são espaço/tempos propícios com informações teóricas e práticas, que darão subsídios para exercer o que se propõe. Contudo é imprescindível buscar também sua autoformação, ou seja, procurar ampliar seu repertório educacional, artístico e cultural, por meio de outras vivências que vão para além do espaço da academia.

A autoformação dos profissionais da educação tem tomado lugar, principalmente, nas discussões sobre o assunto nas conferências, nos congressos e nos estudos dos pesquisadores sobre formação de professores. No atual mundo globalizado, são muitas demandas políticas, culturais, econômicas, que exigem do professor mais atenção a sua própria realidade. Não é permitida a esse profissional a passividade, ou que seja apenas um mero executor de ações, ele necessita protagonizar, investir e pesquisar.

Por entender, segundo Freire (2000) que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” as ações da educação podem aparecer no desejo de fazer a diferença na sociedade, no que se refere às ações pedagógicas e também às relações sociais. E assim, a Arte, como elemento da educação pode propiciar intervenções e justificar a sua importância no processo ensino aprendizagem.

A proposição desse relato é mostrar como uma reflexão sobre a preservação do patrimônio artístico e cultural no Brasil e sua articulação com o processo de ensino aprendizagem dos futuros professores/pedagogos, pode contribuir para autoformação dos envolvidos, bem como dos que eles encontrarem nos espaços e aprendizagem onde desenvolverão seus trabalhos.

Os dados do Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional — IPHAN, órgão público federal responsável pela preservação do patrimônio histórico brasileiro, contribuíram para a aquisição de maiores informações sobre a produção da panela de barro, que foi bem escolhido para essa vivência, por ser o primeiro bem cultural registrado, como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN. A cultura vista como um fenômeno social é pública e dinâmica, evidenciada, também, como obra coletiva está ligada à educação, patrimônio, tradição, memória, identidade.

O espaço de construção de conhecimento, a partir da produção intelectual e acadêmica, é relevante para quem ensina e quem aprende. Nesse caso, reconhece-se que os professores “[...] têm de se assumir como produtores de sua profissão” (Nóvoa, 1995: 28). Portanto, gera o desafio, o ensino aprendizagem não é um ato mecânico, exige busca de informações, observações, aprender a aprender, e principalmente motivação e curiosidade na aquisição do saber.

A disciplina Arte e Educação no curso de pedagogia pode motivar a investigação das histórias passadas por gerações, as tradições e as memórias. Músicas, festas folclóricas, produções dos artistas, monumentos, danças, artesanatos, casarios e construções arquitetônicas desde o período colonial brasileiro. Enfim, manter viva as manifestações culturais do país.

Para relatar o trabalho, dialogo com Nóvoa (1995) e Freire (1996, 2000) que falam da importância de autoformação do profissional da educação, Barbosa (1998) e Iavelberg (2003, 2008) sobre o ensino de arte e Martins (1998) ensino de arte e pedagogia, além de outros pesquisadores e professores que acreditam nas várias metodologias do ensino de arte.

1. Matéria Prima Brasileira

Geralmente, todos nós profissionais da educação temos interesse em ações, que venham a desenvolver as potencialidades que acionam o desenvolvimento cognitivo e a sensibilidade nossa e das pessoas de nosso convívio. Talvez seja o que justifica o interesse pelo marcante valor cultural e social das manifestações artísticas que nos rodeiam.

Os bens culturais tombados passam por registro, estão inscritos no livro de tomo e registro de saberes, mas precisam ser vivenciados e apreciados, para se tornarem parte da memória e contarem a história de seu povo. Segundo Martins (1998:15), “a linguagem da arte permite a compreensão e interpretação das formas sensíveis e objetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade.”

Passamos a denominar a panela de barro como uma matéria prima brasileira, entendendo como uma preciosidade que conta a história das mulheres e homens que circundam aquele movimento. Assim, como os cultos afro, a herança europeia, a pluralidade cultural brasileira, a arte indígena, o bem tombado precisa ser atual e atuante, não pode ser transformado em algo adormecido, que passou e ficou na história.

A história contada pela tradição, mantida pela produção da panela de barro é mostrada na dimensão temporal, fala da geração que viveu aquele momento e contextualizada com a evolução econômica, política que constroem as mudanças de mentalidades.

Para mostrar a grandiosidade da tradição em questão, carinhosamente chamada “panela de barro de Goiabeiras velha” (Goiabeiras velha é o bairro onde fica localizado o espaço destinado à produção das panelas, denominado Galpão das Paneleiras) usamos as informações contidas no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN.



Figura 1 · Produção manual da panela de barro, Brasil. Abril 2015 Fonte: própria.

Figura 2 · Panela de barro pronta, Brasil. Abril 2015 Fonte: própria.



Figura 3 · Alunas entrevistando uma panelleira, Brasil, abril de 2015. Fonte: própria.

Figura 4 · Alunas entrevistando uma panelleira, Brasil, Abril de 2015. Fonte: própria.

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar os diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira. Tendo como Missão promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, a responsabilidade do IPHAN implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações (Brasil, IPHAN, 2015).

Por intermédio do IPHAN, é possível conhecer os sítios arqueológicos existentes no Brasil, casas, mobiliários, peças artesanais, manifestações folclóricas, enfim, o legado dos ancestrais. A remanescência dos costumes africanos, indígenas e europeus impregnados em nossa cultura, que permite o entendimento sobre nossos hábitos de vida.

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação — como o Registro e o Inventário — além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30/11/1937 que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos (Brasil, IPHAN, 2015)

O patrimônio cultural não deve ser visto como o que passou, deve ser ressaltado os significados e sentidos que os grupos humanos lhe atribuíram. Como o patrimônio é histórico, as relações de sentido estabelecidas pelos sujeitos sociais, sofrem a ação do tempo, mas sua valorização e reconhecimento persistem devido às referências afetivas e simbólicas da comunidade. Neste sentido os documentos oficiais classificam em bem material ou imaterial, uma herança sempre presente que afirma a identidade da cultura de um povo.

O Patrimônio Imaterial compreende as práticas e domínios da vida social e tradições que comunidades, grupos e indivíduos recebem de seus ancestrais, passando seus conhecimentos aos seus descendentes e se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, forma de expressão, ciência, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas sociais e coletivas (Brasil, IPHAN, 2015).

Entende-se de grande importância para o estudante do curso de pedagogia ter um momento que instigue sua curiosidade e sua vontade de saber mais sobre a tradição. Por meio dos registros do IPHAN, é possível entender a importância



Figura 5 · Alunas manuseando o barro, Brasil.
Abril de 2015. Fonte: própria.

do processo de produção da panela de barro, visto que na região existem vários pontos de fabricação da panela, porém o diferencial da panela de goiabeiras teve seu processo estudado e registrado.

O saber envolvido na fabricação artesanal de panelas de barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo IPHAN, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002. O processo de produção no bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, no Espírito Santo, emprega técnicas tradicionais e matérias-primas provenientes do meio natural. A atividade, eminentemente feminina, é tradicionalmente repassada pelas artesãs paneleiras, às suas filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, no convívio doméstico e comunitário (Brasil, IPHAN, 2015).

A matéria prima usada para fabricação da panela então, não é simplesmente o barro coletado no mangue. É toda uma história de muitas gerações, um envolvimento afetivo de vidas, trabalho braçal de famílias para sustento e dignidade de toda comunidade.

2. A panela de barro no curso de pedagogia

A afirmação de Arte como conhecimento, como diversidade e identidade cultural, está de acordo com as diretrizes que regem a educação como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação — LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCNs. Por isso, a preocupação em estimular a formação inicial, continuada e a autoformação do estudante de pedagogia. Ao entender a arte como uma área de conhecimento, o profissional da educação deve se preparar para atuar com indivíduos de diversas faixas etárias, com grupos que sistematizam suas experiências, aprendem, ensinam e interagem.

A Arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudo, entretanto, não é isso que justifica a sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. (Iavelberg, 2003:43)

Assim, justifica-se a andança pelos espaços culturais, museus, e outras instituições que cuidam e conservam os bens culturais, ou seja, é preciso buscar as informações, sair da sala de aula, encontrar a novidade, a história viva e as memórias; não apenas para conhecer e saber que existe, mas para valorizar, (res) significar e contextualizar.

Por isso, um grupo de estudantes do curso de pedagogia da Faculdade São Geraldo foi conhecer o galpão das panelas, para vivenciar o processo da produção da panela de barro e, conseqüentemente, passar de mero expectador a participante daquele acontecimento. Suscitar a curiosidade, a vontade de se envolver no processo, entender a tradição e se sentir responsável pela continuidade daquela história (Figura 1, Figura 2).

... o espaço entre os objetos culturais e o público pode ser entendido como um espaço de educação não reprodutiva e, sendo assim, os atores envolvidos nessa prática podem outros papéis: de sujeitos passivos e reprodutores de informações podem passar a sujeitos ativos que interagem e se apropriam de conhecimentos. (Coutinho, 2009: 174)

Os futuros pedagogos/professores ao viverem essas interessantes experiências multidisciplinares são provocados a ampliar o olhar para a educação patrimonial. Essas experiências podem ser suscitadas, a partir de vivências que articulam saberes de quem faz, de quem aprende ou simplesmente passa a conhecer.

A relação professor / aluno no processo de ensino aprendizagem requer na formação inicial, continuidade nos estudos e aprimoramento constante nas atualidades, nos acontecimentos, nas tradições e nas novidades, o que pode ser chamado de autoformação.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas) mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal, por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (Nóvoa, 1995:33).

Os alunos conheceram o processo de produção da panela em conversa com as panelistas, ouviram seus encantos e desencantos, e se encantaram também (Figura 3, Figura 4). Fizeram questão de narrar suas indignações com as informações que tiveram sobre o processo que vivenciaram toda produção artesanal, desde a busca da matéria prima até a queima que finaliza o trabalho.

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica. (Barbosa, 1998: 16)

Porém, o maior encantamento se deu, segundo eles, no conhecer aquele espaço, que não é tão deslocado de suas moradias, mas que ainda não haviam tido oportunidade ou interesse em conhecer. Assim, pode-se afirmar que uma simples ação como esta fará parte de sua autoformação.

3. Finalmente... Patrimônio histórico e o ensino de Arte

A palavra patrimônio nos remete ao que é antigo, a coisas do passado, mas precisa ser entendido como importante legado que herdamos e que deve ser cuidado. Já o conceito de patrimônio cultural transita nos campos sociais e culturais em diferentes contextos que enchem de sentidos. Historicamente, torna-se institucionalizado porque une valores que os tornam diferentes de outros legados.

Ao que se refere ao ensino da arte é a oportunidade de envolver educadores e estudantes no resgate e valorização de suas próprias raízes e, conseqüentemente, sua identidade cultural, visto que é possível buscar conhecer as origens e tradições da comunidade.

A didática da arte não pode prescindir dos conteúdos de uma arte que revela o invisível — o não dito e o não tocado — nos seus objetos, objetos criados por sujeitos autônomos produtores de sentido, começo profundo na vida das pessoas e das comunidades (Lavelberg, 2008: 288).

A vivência que proporciona o conhecimento, o resgate e a valorização da identidade cultural, além de provocar o enriquecimento artístico e cultural

amplia um repertório emancipador, e almeja-se que os envolvidos desfrutem dele em sua profissão e em sua vida, que está sempre em processo de aprendizado. E no exercício de sua profissão como profissional da educação, vale lembrar que “Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (Freire 1996: 15).

Dessa maneira, podem ser pensadas a autoformação docente e as escolhas feitas pelo professor, no uso do seu poder de escolha do repertório pedagógico, a ser trabalhado com os alunos, deve-se constituir de referencial que envolva a dimensão profissional sem deixar de lado a dimensão pessoal.

Referências

- Barbosa, Ana Mae & Coutinho, Rejane Galvão(Ed.) (2009). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP.
- Barbosa, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- Brasil, IPHAN (2015) *Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* [Consult. 2015-04-13] Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/>
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educadora*/Paulo Freire.- São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura)
- Freire, Paulo (2000). *Pedagogia do oprimido*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- lavelberg, Rosa(2003). *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed.
- lavelberg, Rosa.(2008) “Arte na educação social”. In: *Arteeducação, Vida Cotidiana e Projeto Axé*. (Org.) Ana Maria Bianchi dos Reis, Salvador: Edufba & Projeto Axé.
- Martins, Miriam Celeste, Picosque, Gisa, Guerra, Maria Terezinha Teles (1998). *Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo – portizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo:FTD.
- Nóvoa, Antonio (Coord.)(1995). *Os professores e sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote.